

MITO, REALIDADE E O CASO AFRICANO: UM OLHAR OCIDENTAL ATRAVÉS DA LEITURA DE NARRATIVAS DE MIA COUTO

Odara Perazzo Rodrigues (UEFS)¹
Alana de Oliveira Freitas El Fahl (UEFS)

Resumo: Mia Couto, escritor moçambicano, se destaca no papel de ressignificar a identidade moçambicana através da literatura. Suas narrativas utilizam-se de vários mecanismos de resistência anticolonial, desde a forma inovadora como utiliza a língua portuguesa ao resgate de mitos típicos da cultura moçambicana. Com este trabalho, objetiva-se analisar a sua produção literária, observando como os mitos típicos daquela região são representados nos contos através da perspectiva dos personagens construídos por Mia Couto, que buscam representar e dar voz ao homem local que por tanto tempo esteve marginalizado.

Palavras-chave: Mia Couto; Literatura Pós-colonial; Mito; Conto.

Algumas considerações sobre o mito

Ao abordar o vocábulo “Mito”, em seu livro *Convite à filosofia*, e a relação desse com o surgimento do pensamento filosófico e racional, Marilena Chaui (2000, p. 32) observa que essa palavra, geralmente utilizada para designar uma narrativa sobre a origem de alguma coisa, vem do grego *mythos* e deriva dos verbos *mytheyo*, que significa contar ou narrar, e do verbo *mytheo*, cujo significado está próximo de conversar, anunciar ou nomear.

O mito, além de descrever as origens, as relações e o destino do mundo humano, é o fenômeno no qual consignam-se os modelos de comportamento, o dinamismo e as orientações de evolução das sociedades. O pensamento mítico, que resulta da experiência do homem em face dos mistérios da natureza, difere do conhecimento científico e da reflexão filosófica pois representa determinados comportamentos humanos e sociais que têm sentido somente no contexto humano-social que os produzem. Por se relacionar com a experiência concreta / vivida e a crença imediata, este tipo de pensamento não pode ser transformado em um sistema de conceitos e símbolos, como acontece com o racionalismo.

O contexto humano-social no qual buscamos analisar o mito neste presente trabalho é o das ex-colônias africanas e de suas experiências culturais envolvendo narrativas míticas, cuja presença nas literaturas contemporâneas produzidas hoje nesses novos países representa uma busca pela preservação de costumes, de uma linguagem

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Contato: daraperazzo@gmail.com



específica e de toda a cultura de sua gente na formação de uma nova identidade, que vem se constituindo desde a independência de seus respectivos governos coloniais.

Embora o mito represente uma realidade cultural complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas, a acepção de mito com a qual trabalharemos (RIBEIRO JR., 1992, p. 16) é deste como explicação de fenômenos naturais ordinários e extraordinários e como pensamento científico primitivo, por meio do qual o homem explica o mundo, logo “Nesta forma mais elevada, o mito não é um engano, nem uma falsidade; é um modo de falar daquilo que a Razão jamais poderá captar.” (RIBEIRO JR., 1992, p. 17).

Em seu livro *Mito e Realidade* (1964), o mitólogo e filósofo romeno Mircea Eliade faz um retrospecto da definição do mito no decorrer dos séculos. Na tentativa de definir mito, Eliade (2013, p. 11-12) afirma que “[...], os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do 'sobrenatural') no Mundo.”. Quanto à veracidade do mito, ele observa que “[...] o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma 'história verdadeira', porque sempre se refere a realidades.”. O estudioso ainda pontua (2013, p. 7) que no século XX o mito passou a ser estudado por um ponto de vista que contrasta a perspectiva estudada no século XIX, momento em que era visto “[...] como 'fábula', 'invenção', 'ficção', [...]”. A partir do século XX até os dias atuais, o mito passou a ser estudado como “[...], uma 'história verdadeira' e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo.”.

No passado, em sociedades tradicionais da África negra, o mito era tido como história viva e fornecia o modelo para a conduta dos habitantes daquele lugar. Para esses povos, a crença no mito era de extrema importância para a sobrevivência em determinada região. Com a chegada dos colonizadores e as estratégias de dominação cultural que foram postas em prática por eles, as narrativas míticas africanas passaram a ser consideradas uma farsa ou ficção, considerando a sua frágil estrutura e modo de transmissão oral. Porém, mesmo após séculos de assimilação cultural, o mito mantém-se vivo, principalmente em regiões rurais do continente africano, sofrendo múltiplos processos de reatualização, acarretados pelo fenômeno da globalização, ao qual todas as sociedades estão submetidas atualmente.

No caso especial do continente africano, observamos o papel norteador que o mito exerce sobre os povos. São nos mitos, lendas e tradições que tais povos depositam sua



crença, utilizando-os como um modelo de comportamento a ser seguido e como explicação para fatos cotidianos.

A utilização da linguagem mítica em narrativas africanas contemporâneas, em especial as produzidas no contexto do pós-independência, corrobora a tentativa de relacionar o momento presente com o passado de uma comunidade, ao mesmo tempo em que atua no processo de reatualização desses mitos, trazendo à tona elementos culturais locais fadados ao esquecimento no centro dessas populações.

Para os escritores africanos, em especial, cujo processo de descolonização é extremamente recente, é visível o espaço conflituoso no qual estes produzem suas narrativas, no que diz respeito à dicotomia tradição x modernidade / passado x presente.

É que a relação dos escritores africanos com o passado africano é uma trama de ambiguidades delicadas. Se eles aprenderam a não o desprezar nem tentar ignorá-lo – e há muitas testemunhas da dificuldade dessa descolonização da mente –, ainda estão por aprender a assimilá-lo e transcendê-lo. (APPIAH, 1997, p. 115)

Esse processo de busca, reatualização e modernização de características da cultura ancestral africana é um dos aspectos mais marcantes da obra do moçambicano Mia Couto. Nas produções de Mia, as culturas que subsistem na oralidade têm uma presença constante. Extraindo delas elementos históricos, mitos, crenças, etc, o autor faz reavivar a linguagem mítica como forma de entendimento da realidade de uma maneira diferente do que acontecia nas sociedades tradicionais arcaicas.

O indivíduo que hoje tem contato com as narrativas míticas africanas, seja através de obras literárias ou não, possui uma identidade formada e influenciada por diferentes matrizes culturais, logo, a sua interpretação, é passível de influências externas.

As narrativas coutianas, por exemplo, transitam entre o realismo e o inusitado das situações, dando espaço para as irrupções do insólito e para a abordagem de temas complexos. Escritas a partir de um lugar cultural onde o mito muitas vezes sobrevive no interior das comunidades, essas narrativas figuram de maneira realista fatos e momentos históricos do país, ao mesmo tempo em que apresentam um forte conteúdo mítico, cuja expressão pode se dá através da transfiguração do real ou da criação de imagens metamorfoseadas por via da transgressão da linguagem.



Quando falamos da sobrevivência do mito na produção literária africana, falamos da importância da reatualização de tradições que, por terem sido consideradas inferiores, foram desprezadas no processo colonizatório. Tais tradições hoje atuam em conjunto com outros fatores na busca por uma identidade nacional que englobe todas as referências presentes atualmente em territórios em processo de descolonização, e da qual a literatura tem se mostrado forte aliada, pois, como afirma o próprio Mia Couto em entrevista à Vera Maquéa (2005, p. 208), “No fundo o meu próprio trabalho literário é um bocadinho esse resgate daquilo que se pode perder, não porque seja frágil mas porque é desvalorizado num mundo de trocas culturais que se processam de forma desigual.”, ressaltando a característica retraditionalizadora da sua produção literária.

O insólito na literatura africana: um olhar ocidental

A palavra ‘insólito’ tem origem na forma verbal *soer*, que significa ‘sólito’, algo comum, frequente, habitual, usual. A presença do prefixo ‘in’, trazendo à palavra uma conotação negativa, remete a algo que não é comum, não é frequente, não é habitual, não é usual (GARCIA, 2013, p. 41). Logo, o insólito representa o rompimento com uma lógica racional pré-estabelecida através da presença de elementos e situações que desafiam as leis da realidade como nós conhecemos.

Na literatura, o insólito ficcional é representado pela presença de discursos sinalizados pela irrupção do inusitado nas narrativas. Tratado pelos teóricos e críticos literários por diferentes nomeclaturas, a exemplo de maravilhoso, estranho, fantástico, absurdo, mágico, etc, é caracterizado pela presença de situações e personagens que desafiam o entendimento racional da realidade, instaurando “[...] uma nova ordem destoante da ordem vigente, rompendo com as convenções aceitas ou defendidas pela sociedade, em dado tempo e espaço.” (GARCIA, 2013, p. 41).

Embora tenha sido comum a ocorrência de manifestações do insólito na literatura europeia e na literatura norte-americana, é na literatura latino-americana que teremos fortes representantes da corrente literária que ficou conhecida como literatura fantástica, que posteriormente iriam influenciar tais manifestações nas literaturas africanas de língua portuguesa, e até na literatura brasileira².

² Podemos citar como exemplo de escritores que abordam o insólito em suas narrativas: Franz Kafka e Robert Louis Stevenson, na Europa; Edgar Allan Poe e Henry James, nos Estados Unidos da América;



A presença de manifestações do insólito nas literaturas produzidas inicialmente na América Latina e posteriormente na África de língua portuguesa, entre outras coisas, representa a afirmação do pensamento mítico-mágico em oposição à concepção de realidade racionalista. Os escritores têm aí a tarefa de produzir uma literatura que auxilie na quebra do estereótipo do exotismo que estigmatizou esses continentes por séculos, decorrente da incapacidade dos colonizadores europeus de captarem e respeitarem a essência e unicidade de suas práticas culturais³.

Nas narrativas africanas é possível perceber muitas manifestações do insólito, a exemplo das obras do moçambicano Mia Couto e do angolano Pepetela, nas quais observamos que os eventos metaempíricos recebem explicações de acordo com as lógicas estabelecidas pelo pensamento mítico-mágico, que, apesar de todos os esforços empreendidos no processo de assimilação cultural portuguesa, persiste como parte do imaginário coletivo africano e não relaciona-se à lógica racionalista, que descreve esse pensamento como uma tentativa de intervenção na realidade resultante da ignorância do homem primitivo perante a ciência natural.

É desnecessário pontuar que as produções literárias africanas de língua portuguesa produzidas no período pós-colonial não se basearam no modelo europeu literário vigente na época, o Realismo, cujo objetivo era representar de maneira mais realista possível as cenas da vida cotidiana. Tal inspiração veio da literatura produzida em ex-colônias hispânicas do continente americano, cujo apogeu se deu por volta de 1960, assim como também da literatura brasileira, como vimos anteriormente neste trabalho.

Os solos férteis de mitos, lendas e crenças autóctones, igualmente houvera na América Hispânica, facilitou, em África, a emersão de narrativas cujo elemento principal, aos olhos do *outro*⁴ parecesse estranho, extraordinário, sobrenatural, incomum, inesperado, inaudito, incoerente, insólito. (GARCIA, 2013, p. 21)

Julio Cortázar e Gabriel Garcia Marquez, na América hispânica; Mia Couto e Pepetela, na África lusófona; e Murilo Rubião, no Brasil.

³ Observamos aqui que, embora tenha havido grande resistência por parte dos europeus em aceitar o elemento sobrenatural nas culturas locais nos espaços colonizados, o próprio imaginário deste povo está povoado de irrupções do maravilhoso cristão. Tomamos como exemplo a fé religiosa, a crença em milagres, etc, situações que desafiam a racionalidade.

⁴ Grifo do autor.



Os traços dispersos das identidades nacionais das ex-colônias portuguesas, passam a ser recolhidos e representados na literatura, espaço que, como sabemos, funciona como um lugar de contra-discurso às normas hegemônicas vigentes na época. Esse cenário literário que objetivava “[...], fazer representar as imagens nacionais buscadas nas tradições – verdadeiras ou verossímeis –, urgia recobrir os mitos, as lendas, as crenças, o folclore autóctones, mesmo que não uniformes.” (GARCIA, 2013, p. 23), difere do momento de produção empreendido pelos escritores no período do pré-independência, no qual o modelo estético-literário do realismo socialista imperava nas produções literárias africanas através da literatura militante. A partir daí, o escritor se torna então consciente do seu papel para além do compromisso político ideológico partidário. Sobre esse momento de transição, Flavio Garcia (2013) observa que,

Insurgidos, refratários à estética real-naturalista que grossava desde o período colonial e que fora tomado de empréstimo durante a fase de afirmação nacional frente ao branco invasor, utilizada como veículo de denúncia política e social, davam-se agora, vez e voz às tradições ancestrais – mesmo que imaginadas, ficcionalizadas –, resgatava-se a oralidade – ainda que presumida, forjada –, refaziam-se laços com deuses – múltiplos e variados, conforme a diversidade étnico-racial da terra. Emergiam mitos, lendas e crenças. (p. 32)

As produções literárias africanas contemporâneas de língua portuguesa de uma forma geral, e a moçambicana mais especificamente, aponta desde então para a busca de valores da terra, traçando um caminho semelhante ao percorrido pelos escritores latino-americanos no século XX, quando esses despontaram na ficção real-maravilhosa. A presença do mito no imaginário coletivo africano possibilitou a inserção do insólito nessa literatura, na qual o maravilhoso acaba por revelar a experiência e a visão de mundo de um povo cujas dinâmicas culturais e identitárias se dá predominantemente no universo da oralidade. A tensão entre realidade e fantasia é expressa, ao mesmo tempo em que o mundo é explicado através de lendas, mitos e rituais que demonstram a comunhão do sujeito local com a natureza.

Na literatura africana de língua portuguesa a natureza dos acontecimentos se funda nas crenças animistas, nos ancestrais, no sobrenatural e nos poderes existentes na natureza, que prevalecem sobre os valores da realidade, causando no leitor ocidental (e no local assimilado) a percepção do sobrenatural e o estranhamento perante a fatos de



difícil explicação científica, reproduzindo assim o “choque” cultural ocorrido no período colonial.

Há, por parte dos críticos e teóricos literários, uma busca em definir as manifestações do insólito nas literaturas africanas e tentar encaixá-las dentro dos termos já aqui apresentados por nós: realismo maravilhoso, fantástico e mágico. Porém, essa classificação implica o forte poder do olhar ocidental sobre as manifestações culturais e literárias africanas. Ao aplicar tais termos a essas narrativas, estamos assumindo que esses aspectos insólitos, que tão bem representam as culturas africanas, são fictícios, e ao fazê-lo, estamos pondo em prática a estratégia de desvalorização de tais traços culturais, desconsiderando que o que para nós parece ser mágico, fantástico ou maravilhoso, faz parte na verdade do animismo característico de uma visão africana de existência.

Foi o escritor angolano Pepetela que, em 1989, com a publicação do seu romance *Lueji*, deu fim a esse impasse ao denominar as irrupções do insólito na literatura africana como Realismo Animista (WITTMANN, 2012). Esse “novo” conceito textual, ao mesmo tempo em que se aproxima do chamado Realismo Maravilhoso, que provoca “[...]: a união de elementos díspares, procedentes de culturas heterogêneas, configura uma nova realidade histórica, que subverte os padrões convencionais da racionalidade ocidental.” (CHIAMPI, 2015, p. 32), conserva a singularidade das tradições culturais autóctones africanas na literatura, sem assumí-las como fictícias ou surreais.

Ao inserir o insólito em suas narrativas, o moçambicano Mia Couto vai de encontro ao realismo, cuja acepção gira apenas em torno de sua própria lógica, assume essa como unicamente verdadeira e não admite outras percepções da realidade. No decorrer de suas histórias, percebemos que a realidade pode se apresentar como múltipla e dinâmica, a partir da representação de inúmeras e diferentes visões. É possível observar nas obras coutianas que os acontecimentos insólitos que ali são apresentados se interligam a aspectos essenciais da cultura moçambicana, a exemplo do pensamento mítico-mágico.

Embora ainda utilize o termo Realismo Mágico, a estudiosa Maria Fernanda Afonso expressa claramente a importância da representação do insólito na literatura africana.



O realismo mágico parece encontrar em África uma força particular pelo facto de se ancorar num continente em que o mito faz parte da existência quotidiana; aqui ele revela uma relação necessária de contiguidade ou de correspondência entre o real e o imaginário. É certo que o realismo mágico participa do pensamento mítico enraizado em tradições ancestrais. No entanto, esta reabilitação das crenças primitivas não implica uma fuga à realidade. Pelo contrário, é nos continentes do Sul um instrumento particularmente apto a criticar os abusos, respeitantes tanto ao domínio colonial como à sociedade pós-colonial. (AFONSO *apud* GARCIA, 2013, p. 30)

Concluimos assim que ao utilizarmos os conceitos literários ocidentais, maravilhoso, fantástico e mágico, para tratar do insólito em obras africanas, é preciso considerar as singularidades culturais envolvidas de um povo que hoje, através da literatura, questiona a sua identidade pela via do mítico, buscando representar a imagem do que seja o povo africano.

Mia Couto e o mito

Com a chegada dos colonizadores na África e na Ásia, as regiões então feitas colônias sofreram com o domínio físico, cultural e moral exercido por aqueles que agora se consideravam donos da terra. Com o propósito de legitimar a colonização, os europeus apoiavam-se no chamado discurso colonial, cuja principal estratégia era o silenciamento da cultura do colonizado. Para o colonizador, a sua cultura, a sua língua e a sua história eram superiores à cultura, à língua e à história dos povos que colonizava. Sendo assim, a cultura local deveria ser totalmente esquecida para dar lugar à perpetuação da cultura ocidental.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os impérios coloniais entraram em crise, culminando na independência das colônias africanas e asiáticas e dando início a um novo processo para reconquistar a autonomia política e cultural desses novos países. As então colônias, que após enfrentarem um longo período de guerra colonial e posteriormente de guerra civil, encontravam-se fragilizadas, têm, até os dias atuais, de lidar com uma grave questão identitária, considerando o fato de que a herança cultural do colonizador e o que restou da cultura original local convivem hoje no mesmo espaço, dando origem a uma cultura híbrida.



A literatura que é produzida atualmente nesses países, cuja influência do sistema colonial é percebida nas áreas econômicas, estruturais, culturais e linguísticas, é também conhecida como literatura pós-colonial. Tal literatura traz em suas narrativas os traços herdados da cultura do colonizador e os elementos restantes da cultura local e é, através dela, que os povos colonizados, que durante o período colonial haviam perdido sua subjetividade, retomam a sua voz e falam sobre a sua cultura. Os escritores oriundos desses países, que ainda estão em processo de descolonização, têm o papel de trazer à tona o passado e as raízes do seu povo. Tal ação é facilmente percebida na obra do escritor africano Mia Couto, que nasceu em Moçambique e escreve na língua oficial (e do colonizador) do seu país: o português.

Autor de livros como *Terra sonâmbula* (1992), *Estórias abensonhadas* (1994) e *O último voo do Flamingo* (2000), para citar alguns, Mia Couto objetiva suas narrativas no “[...] projeto de moçambicanidade, o desvendamento da identidade de um país esquecido de si devido aos mecanismos impostos pelo curso da História, pelo colonialismo, pela primeira e segunda guerra coloniais, a tentativa de despertá-lo do desatento abandono de si.” (TUTIKIAN, 2006, p.60). Suas obras, cuja característica que mais se destaca é a utilização transgressora da Língua Portuguesa, a qual, a partir de várias estratégias linguísticas de recriação de vocábulos, permite a aplicação de uma linguagem poética em textos de prosa, são também calcadas no elemento mítico, traço típico da cultura africana.

A presença do mito em suas narrativas, elemento norteador da mundividência na África negra tradicional, e que é utilizado para explicar fenômenos naturais, situações cotidianas e modelar comportamentos sociais, faz surgir nos textos situações insólitas que podem ser facilmente enquadradas nas correntes literárias conhecidas como Realismo Maravilhoso, Realismo Fantástico e Realismo Mágico, que foram popularizados a partir de teóricos literários que estudaram a literatura latino-americana.

Considerações Finais

A presença europeia no continente africano provocou, entre tantas outras coisas, abalos nas estruturas econômicas, sociais, culturais, linguísticas e identitárias dos povos que almejavam colonizar. O discurso colonial, cuja base é a verdade única, apoiava-se na fragilidade da produção do conhecimento africano, que era repassado de maneira



oral, para atribuir a esses povos ágrafos a característica da inferioridade, tornando-se assim mais fácil incutir nesses a tradição ocidental baseada no código escrito.

Além da língua, a colonização levou a esses territórios toda uma gama de tradições que deveriam ser assimiladas por estes povos em detrimento das suas próprias. Um dos aspectos culturais que mais gerou conflito na relação entre colonizador e colonizado, e que nos propomos a tornar o tópico principal na análise literária que fizemos neste trabalho, foram as diferenças entre a perspectiva ocidental e a africana no que diz respeito a origem de fenômenos naturais e explicações para fatos cotidianos. Enquanto para o colonizador o pensamento racional-científico, que requeria evidências concretas, era o que pautava a existência de todos os elementos naturais, para os africanos tudo existia a partir do pensamento mítico-mágico, repassado de maneira oral através dos seus antepassados. Entendido como fantasia e ignorância pelos europeus, essa mundividência africana tornou-se mais um elemento utilizado para corroborar a superioridade ocidental e consolidar o sistema colonizador.

A literatura, que teve um papel crucial no processo de independência das ex-colônias africanas, age hoje nesses territórios em um movimento de descolonização, de reconstrução e redescobrimto identitário, no qual, através da apropriação e transgressão da língua do colonizador, escritores oriundos desses novos países utilizam os seus textos na formação de um discurso de resistência e na luta pela articulação de suas respectivas nações.

Em Moçambique, ex-colônia portuguesa que se tornou independente em 1975, podemos destacar o nome do escritor Mia Couto, que busca, através da apreensão mitopoética da realidade, recontar a história de Moçambique a partir da perspectiva de seu povo, e não apenas do conceito histórico de território colonizado. Mia empenha-se na criação de uma nova língua escrita para dar voz às personagens que representam os variados tipos que habitam hoje o espaço híbrido pós-colonial que se tornou Moçambique, representando a realidade sob um novo prisma, que não o ocidental, mas ainda assim através de uma forma de contação de histórias ocidental, a escrita.

A fim de propor um diálogo entre tradição e modernidade, Mia Couto traz para suas narrativas elementos culturais tradicionais moçambicanos, a exemplo de mitos e lendas, de uma forma ressignificada, em um misto com elementos culturais ocidentais, mostrando que sua escrita, ao mesmo tempo em que funciona como resistência ao



processo de descaracterização cultural imposto pelo sistema colonial, alerta para o perigo da estereotipização do continente africano como um lugar exótico, de tradições ancestrais e imutáveis.

A partir da análise de contos de autoria do escritor moçambicano, gênero que por sua estrutura textual se torna próximo da tradição oral de contação de histórias típica da cultura ancestral africana, percebemos que nas narrativas de Mia Couto, o mito, que por séculos foi descrito como relato falso e fantasioso, é referenciado no contexto pós-colonial e reatualizado nesse espaço que está em constante processo de atualização e redescobrimto.

A presença do mito nas narrativas de Mia Couto faz emergir a força de uma cultura que por séculos foi reprimida e agora sofre um processo de modernização, mas que, ainda que esteja convivendo com elementos diversos em um espaço híbrido, busca na tradição ancestral a raiz mítica que justifica a sua realidade. Contadas em língua portuguesa, o que, ao mesmo tempo em que caracteriza a força da colonização, demonstra um ato de resistência contra esse sistema pela maneira transgressora como é utilizada, suas histórias dão voz e vez à personagens que, na atualidade, enxergam o mundo através de um ótica identitária estilhaçada e narram os caminhos que esses têm que traçar em busca do seu redescobrimto pessoal e do seu país enquanto nação.

Referências bibliográficas

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CHIAMPI, Irleamar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

COUTO, Mia. *Vozes anoitecidas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Cada homem é uma raça: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Estórias Abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GARCIA, Flavio. *Discursos fantásticos de Mia Couto: mergulhos em narrativas curtas*



e de média extensão em que se manifesta o insólito ficcional. Rio de Janeiro: Publicações Dialogarts, 2013.

RIBEIRO JR., João. *As perspectivas do mito*. São Paulo: Pancast Editorial, 1992.